



SUPLEMENTO

Belo Horizonte, Maio/2015
EDIÇÃO ESPECIAL
Secretaria de Estado de Cultura

A arte da tradução

Edição especial organizada por João Pombo Barile



Hieronymus - Theoderich von Prag

A HORA E A VEZ DO tradutor brasileiro

JOÃO POMBO BARILE

Num ensaio de 1957 sobre o mineiro Agenor Soares de Moura, Paulo Rónai define o tradutor ideal. Ao homenagear o amigo recém-falecido em Barbacena, e que surpreendera o eixo Rio-São Paulo com sua magistral tradução da tetralogia José e seus irmãos, de Thomas Mann, escreveu Rónai: “As qualidades do bom tradutor são, em grande parte, as mesmas do bom escritor: inteligência, talento, gosto seguro, bom senso, imaginação, senso de harmonia – mas devem andar desacompanhadas de ambição, de personalidade excessivamente marcada, da vontade impetuosa da inovação, e encontrar-se aliadas a sólida erudição, a um amor extremado ao estudo”.

De lá para cá, muita coisa mudou no mundo dos livros. Se antes as editoras eram empresas familiares, com trabalho artesanal, a realidade hoje é outra. O setor se profissionalizou. E a lógica passou a ser a da grande indústria. Como não cansava de alertar o experiente editor francês André Schiffrin (1935-2013), as grandes corporações ganharam a partida. E, com isto, impuseram uma nova realidade ao mercado. Sempre mais interessadas nos dividendos dos seus acionistas, do que na qualidade do que se publica, causaram um estrago ainda hoje pouco avaliado no setor.

Se nos últimos 50 anos, na Europa e nos EUA, a lógica da grande indústria dá as cartas, no Brasil, com o tradicional atraso, não tem

sido diferente. Notícias sobre fusões de empresas do setor se tornaram comum na última década. E apesar dos quixotescos esforços das pequenas e médias editoras, cada vez mais o negócio do livro é tratado na terra de Santa Cruz como outro qualquer.

Mas se a concentração do setor teve mesmo esse efeito devastador apontado por Schiffrin e muitas vezes transformou em sinônimos as palavras literatura e marketing, por outro lado ela teve, pelo menos entre nós, um efeito positivo: a explosão do número de novas, e excelentes, traduções. Praticamente um desconhecido naqueles longínquos anos 1950, o tradutor é hoje um personagem importante. Seus nomes figuram na capa dos livros. E ajudam a vender o produto.

E é um pouco da história de alguns dos mais importantes tradutores do último meio século que o leitor confere a seguir. Uma amostra dessa inteligência, talento, gosto seguro, bom senso, imaginação e senso de harmonia. Dezesseis profissionais falam do ofício que tem como padroeiro São Jerônimo, representado em nossa capa por uma obra do artista plástico Leopoldo Tauffenbach. Apresentamos, ainda, cinco traduções inéditas do poeta Augusto de Campos de poemas de Maiakovski para ilustrar a excelência desses trabalhos.

ENTREVISTA A JOÃO POMBO BARILE

O senhor foi responsável pela tradução de três livros do escritor J. D. Salinger: *O Apanhador no Campo de Centeio*, *Nove Estórias* e *Carpinteiros, Levantem bem Alto a Cumeeira & Seymour, uma apresentação* (os dois primeiros em cotradução). Pergunto: por que Salinger foi o primeiro autor que lhe interessou traduzir? Ainda gosta dele? Tiveram algum contato?

Aos 19 anos passei uma temporada nos Estados Unidos, onde conheci o *Apanhador*, que lá se tornara um livro-culto por exprimir as angústias de qualquer adolescente diante das hipocrisias do mundo adulto. Voltando para o Brasil, descobri que dois colegas do Itamaraty, Alvaro Alencar e Antônio Rocha, tinham igual paixão pela obra de Salinger, nascendo daí uma tradução a seis mãos que nenhuma editora encomendara para um livro totalmente desconhecido nestas terras. Tendo meus colegas partido para o exterior, fiquei burilando o texto durante meses até levá-lo a Rubem Braga, que nada sabia de Salinger, mas publicou a obra na Editora do Autor, em que tinha como sócios de Fernando Sabino e Walter Acosta. Com o imediato sucesso do livro no Brasil, fui convidado a traduzir os três outros cuja publicação Salinger autorizou em vida. À época, por razões de tempo, aceitei apenas a belíssima coletânea de contos, *Nove Estórias*, que cotraduzi com Alvaro Alencar. Só muitos anos depois tive o prazer de pilotar “Carpinteiros/Seymour” em voo solo, e quem sabe algum dia ainda completo o “serviço” com *Franny & Zooey*. Sim, ainda vejo Salinger como um dos melhores escritores norte-americanos do século passado, em particular por sua sensibilidade com relação aos problemas da juventude, pelo domínio da linguagem coloquial e pela extraordinária capacidade de reproduzir diálogos. Nunca tive o menor contato com ele, nem mesmo por correspondência, porque na década de 1960 Salinger já se transformara no eremita de New Hampshire.

Suas traduções de Nabokov são verdadeiras joias. Não me canso de reler alguns parágrafos de *Lolita* traduzidos pelo senhor. Poderia falar um pouco da sua relação com a obra de Nabokov? Como foram os anos em que se debruçou sobre a obra dele? Pretende traduzir ainda algum outro livro do mestre?

Nabokov foi um amor literário à primeira leitura, e isso por conta da densidade psicológica dos textos somada à maestria inigualável com que o autor manipula imagens e palavras para obrigar o leitor, certamente pela primeira vez na vida, a se perguntar, por exemplo, qual a cor da sombra de uma maçã. Meu primeiro desafio foi verter *Fogo Pálido* e enfrentar de saída um poema de 999 versos em decassílabos heroicos rimados dois a dois. Convoquei a ajuda de meu colega e poeta Sergio Duarte e, não podendo preservar no texto em português tanto o ritmo quanto as rimas, ficamos com o primeiro, mantendo a métrica decassílabo num trabalho que mereceu o endosso de Antonio Houaiss e Paulo Rónai. A partir daí, já então sozinho, traduzi o estonteante *Lolita*, o tragicômico *Pnin*, o multifacetado *Ada*, e muitos outros, incluindo duas excelentes coletâneas de contos. Como eu talvez seja quem traduziu o maior número de obras de Nabokov no mundo, não surpreende que, às vezes, senti a presença do mestre olhando por cima de meu ombro e me ajudando a achar a “palavra certa”, na verdade a palavra única que ele, como um ourives, ia buscar no seu universo linguístico em que o russo, o francês e o inglês conviviam gloriosamente. Quem sabe, por isso, de tempos em tempos recebo a mensagem de alguém que, como você, deseja compartilhar comigo o prazer que sentiu ao ler certos parágrafos de *Lolita* – e não há nada que deixe um tradutor mais feliz! Está no prelo a tradução que fiz de suas famosas *Lições de Literatura Russa*, a serem seguidas em breve pelas *Lições*





Cena de "Lolita" (1962), filme dirigido por Stanley Kubrick

de Literatura. Imperdível para quem quer ver Nabokov, com suas habituais idiossincrasias, dissecar grandes mestres como Tolstói, Dostoievski, Flaubert e Joyce.

O senhor alia, na mesma pessoa, uma coisa rara nas terras brasileiras: é um refinado intelectual e já foi executivo. Levando-se em conta o fato de que o Brasil não tem uma elite que se possa chamar propriamente de letrada, como estes dois mundos convivem na sua vida?

Antes de executivo, fui diplomata de carreira, mas minha paixão pelas "letras" vem do fato de haver nascido numa família de leitores vorazes. Lá pelos 13 anos já me deliciava com a *Comédia Humana* de Balzac, o que não me impediu de jogar muitas peladas, andar de bicicleta e brincar o Carnaval. Obviamente, embora tenhamos no Brasil alguns casos de executivos que apreciam a boa literatura, o problema é que se lê muito pouco em todas as camadas da sociedade e, nos meios de negócio, encontro muitos jovens que só desfrutam do invento de Gutenberg para



Vladimir Nabokov

“acessar” jornais ou livros de autoajuda. E, infelizmente, não abrigo grandes esperanças com respeito ao crescimento do nosso “pibinho” intelectual.

Fiz um pequeno levantamento de alguns autores que o senhor já traduziu: J. D. Salinger, Vladimir Nabokov, Ian McEwan, Philip Roth, Thomas Pynchon, Alberto Manguel, John Cheever, Alice Munro. Poderia contar com qual deles manteve correspondência para dar palpite nas traduções? Ou isso nunca aconteceu?

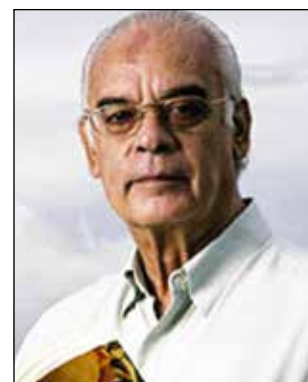
Certamente seria uma grande ousadia traduzir o *Grande Sertão: Veredas* para qualquer língua sem consultar o Guimarães Rosa, mas nenhum desses autores que você lista me deu razões para incomodá-los. Várias obras de Vladimir Nabokov foram “anotadas” por especialistas, que cuidam de descobrir as complexas referências nelas ocultas, porém não creio que caiba ao tradutor esse trabalho de detetive literário, pois sua tarefa se limita a trazer para o vernáculo aquilo que o autor decidiu mostrar na superfície do texto.

Que autor em língua inglesa precisaria ser traduzido para nossa língua e ainda não foi?

Graças à sofisticação crescente das editoras brasileiras, não acredito que nenhum autor moderno de língua inglesa, se suficientemente talentoso ou comercialmente exitoso, deixará de ser traduzido. Mais importante, talvez, seja revisitar os clássicos, dando-lhes uma roupagem estilística mais atual. Nesse sentido, tive grande prazer em verter recentemente *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde; *Orlando*, de Virginia Woolf; e *O Médico e o Monstro*, de Robert Louis Stevenson.

O senhor já disse numa entrevista que encara as traduções como um hobby, e não como uma ocupação. E que só aceita trabalhar com autores de que gosta e sem prazos rígidos de entrega, o que permite que cada obra se transforme num prazer e jamais numa obrigação. Ainda escolhe assim os autores que quer traduzir? Já traduziu alguém que não gosta?

A lista das obras que traduzi é a maior prova de que nunca violei a regra de só lidar com autores com quem estou desejoso de conviver intimamente por semanas a fio. Ontem, na minha máquina de escrever, e hoje, no meu computador, não entrou ou entra um único chatô.



JÓRIO DAUSTER

carioca, é diplomata e tradutor, entre outros, de Salinger e Nabokov.